

Edgar Allan Poe

O ESCARAVELHO DE OURO E OUTRAS HISTÓRIAS

Tradução de RODRIGO BREUNIG
e BIANCA PASQUALINI

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

SUMÁRIO

Manuscrito encontrado numa garrafa	7
O encontro.....	21
Morella.....	35
A conversa de Eiros e Charmion.....	42
Uma descida para dentro do Maelström	49
O mistério de Marie Rogêt	69
O coração delator	122
O escaravelho de ouro.....	129
Um conto das Montanhas Escabrosas.....	171
O sepultamento prematuro.....	183
A caixa oblonga	200
“Tu és o homem”	214
O demônio da impulsividade	232

MANUSCRITO ENCONTRADO NUMA GARRAFA

*Qui n'a plus qu'un moment à vivre
N'a plus rien à dissimuler.*

Quinault – *Atys**

De minha terra e de minha família tenho pouco a dizer. Maus costumes e o passar dos anos me afastaram de uma e me alienaram da outra. A riqueza hereditária proporcionou-me uma educação fora do comum, e um modo de pensar contemplativo habilitou-me a sistematizar o repertório que o estudo precoce armazenara com muita diligência. Mais do que todas as coisas, os moralistas alemães deram-me grande deleite; não devido a alguma admiração desavisada por sua loucura eloquente, mas pela naturalidade com que meus rígidos hábitos de pensamento permitiram-me detectar suas falsidades. Fui muitas vezes repreendido devido à aridez de meu gênio; uma deficiência de imaginação foi-me imputada como um crime; e o pirronismo das minhas opiniões me fez sempre notório. De fato, um forte apego à filosofia natural matizou minha mente, receio, com um erro muito comum nestes tempos – refiro-me ao hábito de atribuir acontecimentos, mesmo os menos suscetíveis a tais atribuições, aos princípios dessa ciência. Em síntese, pessoa nenhuma poderia ser menos propensa do que eu a se deixar levar para longe das severas fronteiras da verdade pelos *ignes fatui*** da superstição. Julguei apropriado fazer esta introdução por temer que a incrível história que tenho para contar possa ser considerada antes o desvario de uma imaginação rude

* Da ópera trágica *Atys* (1676), dos franceses Philippe Quinault e Jean-Baptiste Lully: “Para quem só resta um momento de vida/ Não há mais nada a dissimular”. (N.T.)

** Fogos-fátuos. (N.T.)

do que a experiência concreta de uma mente para a qual os devaneios da fantasia eram letra morta e nulidade.

Depois de muitos anos viajando pelo estrangeiro, embarquei, no ano de 18..., no porto de Batávia, na rica e populosa ilha de Java, numa viagem ao arquipélago de Sonda. Viajei como passageiro – não tendo outra motivação senão uma espécie de desassossego nervoso que me assombrava como um demônio.

Nossa embarcação era um belo navio de cerca de quatrocentas toneladas, firmado em cobre e construído em Bombaim com teca de Malabar. Estava carregado com algodão em rama e óleo, das ilhas Laquedivas. Também tínhamos a bordo fibra de coco, açúcar mascavo, manteiga líquida, cocos e algumas caixas de ópio. O armazenamento fora feito de modo canhestro, e por isso o navio adernava.

Partimos com um mero sopro de vento e por muitos dias permanecemos ao longo da costa oriental de Java, sem nenhum incidente que quebrasse a monotonia de nosso avanço, nada que não fosse um encontro ocasional com alguns pequenos barcos do arquipélago para o qual nos dirigíamos.

Num fim de tarde, debruçado no parapeito da popa, observei uma nuvem isolada, muito peculiar, a noroeste. Ela era formidável, tanto por sua cor quanto por ser a primeira que víamos desde que saíramos de Batávia. Olhei para ela com a maior atenção até o pôr do sol, quando ela se espalhou de uma só vez a leste e oeste, cingindo o horizonte com uma estreita faixa de vapor, com a aparência de uma longa linha baixa de praia. Minha atenção foi logo a seguir atraída pela aparição avermelhada da lua e pelo aspecto pitoresco do mar. Este último estava passando por uma rápida transformação, e a água parecia mais transparente do que o normal. Embora eu pudesse enxergar com clareza o fundo, verifiquei, lançando a sonda, que estávamos numa profundidade de trinta metros. Então o ar se tornou intoleravelmente quente, carregado de exalações espirais semelhantes às que emanam de ferro aquecido. À medida que a noite caía, os menores sopros de vento

se esgotavam, e era impossível conceber uma calma maior do que aquela. A chama de uma vela queimava na popa, sem apresentar nem o mais imperceptível movimento, e um longo fio de cabelo, sustentado com dedão e indicador, pendia sem que houvesse a menor possibilidade de detectarmos uma vibração. Entretanto, o capitão dizia não perceber nenhuma indicação de perigo, e, como estávamos sendo levados pela corrente diretamente para a costa, ele ordenou que as velas fossem recolhidas e que se lançasse âncora. Nenhum vigia foi designado, e a tripulação, constituída na maioria por malaios, ficou descansando à vontade no convés. Desci às cabines – não sem um palpável pressentimento de infortúnio. De fato, todos aqueles fenômenos me autorizavam a temer a chegada de um simum.* Falei de meus medos ao capitão; mas ele não deu atenção ao que eu disse, e se afastou sem sequer me dar resposta. Meu desconforto, no entanto, não me deixava dormir e, por volta da meia-noite, subi para o convés. Assim que botei o pé no último degrau da escada do tombadilho, sobressaltei-me com um ruído alto, uma espécie de zumbir, como o som da rápida rotação de uma roda de moinho, e antes que eu pudesse descobrir seu significado, senti que o navio estremecia desde o centro. No momento seguinte, uma vastidão de espuma nos arremessou em adernamento e, cobrindo-nos por inteiro, varreu o convés de proa a popa.

A extrema fúria da rajada provou-se, em grande medida, a salvação do navio. Embora completamente inundado, ele, no entanto, como os mastros se quebraram e caíram no mar, pôde se erguer com esforço depois de um minuto e, vacilando um pouco na imensa pressão da tempestade, por fim aprumou-se.

É impossível dizer que espécie de milagre me salvou da morte violenta. Estupefato pelo choque da água, encontrei-me, quando recobrei os sentidos, prensado entre o cadaste

* O “vento venenoso”, um vento violentamente quente e seco, carregado de areia, que vem dos desertos árabes e africanos. (N.T.)

e o leme. Com grande dificuldade, levantei-me e, olhando em volta, atordoado, fui inicialmente assaltado pela ideia de que estivéssemos em área de rebentação, tão aterrorizante e avesso à mais louca imaginação era o redemoinho de oceano montanhoso e espumante no qual estávamos engolfados. Depois de um tempo, ouvi a voz de um velho sueco, que embarcara no momento em que deixamos o porto. Chamei-o com todas as forças, e ele em seguida se aproximou, cambaleando em direção à popa. Logo descobrimos que éramos os únicos sobreviventes do acidente. Todos os que estavam no convés, exceto nós, haviam sido varridos para o mar; o capitão e os imediatos deviam ter perecido enquanto dormiam, pois as cabines estavam submersas em água. Sem assistência, não tínhamos como fazer muito pela segurança do navio, e nossos esforços foram, num primeiro momento, paralisados pela expectativa temporária de que fôssemos afundar. O cabo da âncora, é claro, rebentara como um barbante ao primeiro sopro do furacão, e não fosse isso teríamos ido a pique na mesma hora. Estávamos sendo arrastados pelo mar numa velocidade assustadora, e a água elevava ondas íngremes sobre nós. A estrutura da popa estava demasiado danificada e, em quase todos os aspectos, havíamos sofrido prejuízos consideráveis; mas, para nossa máxima alegria, verificamos que as bombas de água estavam desobstruídas e que o lastro ainda podia nos manter estáveis. O ataque mais furioso do furacão havia passado, e já não víamos tanto perigo na violência do vento; mas aguardávamos a total cessação com desânimo, acreditando seriamente que, em condições tão avariadas, fatalmente pereceríamos na tremenda ondulação que se seguiria. Mas essa justa apreensão não parecia ter grandes probabilidades de se concretizar. Durante cinco dias e cinco noites – período no qual nossa subsistência foi garantida apenas por uma pequena quantidade de açúcar mascavo, resgatado com grande dificuldade no castelo de proa – o casco voou pelo mar numa velocidade que desafiava a compreensão, tocado por sucessivas rajadas de vento que,

mesmo sem se igualar à violência inicial do simum, eram mais terríveis que qualquer tempestade que eu já havia testemunhado. Nosso rumo, nos primeiros quatro dias, era sudeste para sul; e provavelmente navegamos pela costa da Nova Holanda.* No quinto dia o frio se tornou extremo, embora o vento tivesse virado um ponto para o norte. O sol nasceu com um doentio brilho amarelo e subiu apenas uns poucos graus acima do horizonte – sem emitir luz decente. Não se viam nuvens, mas o vento ganhava força e soprava com uma fúria espasmódica e instável. Por volta do meio-dia, segundo a estimativa que fizéramos do horário, nossa atenção foi mais uma vez atraída pela aparição do sol. Ele não emitia luz propriamente dita, mas um brilho embotado e sombrio, como se seus raios estivessem polarizados. Pouco antes de afundar no mar túrgido, suas chamas centrais se apagaram de súbito, como que extintas por algum poder inexplicável. Ele era apenas um aro turvo e prateado quando sumiu no oceano insondável.

Esperamos em vão pela chegada do sexto dia – esse dia ainda não chegou para mim –; para o sueco, não chegou e não chegará. Dali em diante fomos envolvidos por uma escuridão tão negra que não podíamos enxergar um objeto que estivesse a quinze metros do navio. A noite eterna nos abraçava sem parar, e não havia o alívio do mar brilhante ao qual tínhamos nos acostumado nos trópicos. Também observamos que, embora a tempestade continuasse a nos assolar com violência incessante, não ocorria mais a usual aparição de rebentação ou espuma que nos acompanhara até ali. Tudo em volta era horror e treva espessa e um opressivo e negro deserto de ébano. Terrores supersticiosos foram impregnando aos poucos o espírito do velho sueco, e minha própria alma ficou tomada de um assombro silencioso. Desistimos de todos os cuidados com o navio, mais do que inúteis, e, segurando-nos tão bem quanto possível no toco do mastro de mezena, ficamos olhando com amargura aquele mundo

* Austrália. (N.T.)

de oceano. Não tínhamos como calcular o tempo nem como adivinhar nossa localização. Tínhamos, no entanto, plena consciência de que avançáramos mais para o sul do que qualquer outro navegador, e nos causou grande perplexidade que não topássemos com os usuais obstáculos de gelo. Enquanto isso, cada instante nos parecia ser o último – cada vagalhão montanhoso se precipitava para nos esmagar. A ondulação superava tudo que eu já havia imaginado, e é um milagre que não tenhamos sido imediatamente sepultados por ela. Meu companheiro falou da leveza de nossa carga e das excelentes qualidades do nosso navio; mas eu não conseguia deixar de pensar na desesperança da própria esperança, e estava preparado, com tristeza, para uma morte que, segundo pensei, nada poderia evitar, e que viria em questão de minutos, à medida que, a cada metro que avançávamos, a ondulação negra do estupendo mar se tornava mais lúgubre e pavorosa. Por vezes ofegávamos, sem ar, numa altitude de voo de albatroz – por vezes ficávamos tontos com a velocidade de nossa descida para dentro de um inferno aquático, onde o ar se estagnava e nenhum som perturbava o sono do kraken.*

Estávamos no fundo de um desses abismos quando um grito intenso do meu companheiro irrompeu medonhamente na noite.

– Veja! Veja! – ele disse, berrando em meus ouvidos.
– Deus todo-poderoso! Veja! Veja!

Enquanto ele falava, tomei consciência do brilho de uma luz vermelha, embotada e sombria, que jorrava pelas paredes do vasto precipício em que caíramos e iluminava em espasmos o nosso convés. Olhando para cima, contemplei um espetáculo que congelou o sangue em minhas veias. A uma altura assustadora, diretamente acima de nós, e bem na margem do precipício, estava suspenso um navio gigantesco, de umas quatro mil toneladas. Embora estivesse no topo de uma onda cuja altura devia ser cem vezes maior do que a sua, seu tamanho aparente, mesmo assim, excedia o

* Monstro marinho nórdico. (N.T.)

de qualquer navio de guerra ou da Companhia das Índias. Seu enorme casco era de um preto sujo e profundo, e era desprovido dos entalhes habituais de um navio. Uma única fileira de canhões de bronze se projetava das portinholas abertas, que refletiam, nas superfícies polidas, as chamas de inumeráveis lanternas de batalha, que balançavam para lá e para cá no cordame. Mas o que mais nos encheu de horror e perplexidade foi que ele se sustentava, com todo o pano nos mastros, na superfície de um mar sobrenatural, nas garras de um furacão incontornável. Quando começamos a avistá-lo, só víamos a proa, enquanto ele subia devagar e deixava atrás de si um abismo obscuro e horrível. Durante um momento de intenso terror, ele parou sobre o vertiginoso pináculo, como que contemplando sua própria sublimidade; então estremeceu e vacilou – e caiu.

Nesse instante, passei a sentir em meu espírito um autocontrole inexplicável. Cambaleando, recuei para a popa o mais que pude e aguardei sem medo a ruína que esmagaria tudo. Nossa própria embarcação estava agora desistindo de lutar e afundava de cabeça no oceano. O choque daquela massa descendente a atingiu, assim, na porção de sua estrutura que já estava submersa, e o resultado inevitável foi que fui arremessado, com irresistível violência, até o cordame do navio estranho.

Quando caí nele, o navio girou, virou de bordo e prosseguiu; à confusão que se deu atribuí o fato de minha presença não ter sido percebida pela tripulação. Com pouca dificuldade, caminhei, despercebido, até a escotilha principal, que estava parcialmente aberta, e logo tive oportunidade de me esconder no porão de carga. Não sei bem como explicar por que fiz isso. Um sentimento indefinido, um temor que senti quando olhei pela primeira vez para os marinheiros do navio, foi, quem sabe, o que me fez procurar refúgio. Eu não estava disposto a confiar numa espécie de gente que, ao meu olhar apressado, inspirava tantas impressões vagas de novidade, de dúvida e de apreensão. Julguei que o mais

apropriado, portanto, era arranjar um esconderijo no porão de carga. Para tanto, arranquei umas poucas pranchas do chão, de modo que pudesse obter um abrigo conveniente entre as enormes vigas do navio.

Eu mal acabara de completar meu trabalho quando ouvi passos no porão e me vi obrigado a fazer uso do abrigo. Um homem passou por meu esconderijo com um andar lento e irregular. Não consegui enxergar seu rosto, mas tive oportunidade de observar sua aparência geral. Havia nela uma evidência de idade avançada e de enfermidade. Seus joelhos vacilavam com o peso dos anos, e toda a figura do homem tremia em função do fardo. Ele murmurava para si, num tom baixo e entrecortado, palavras de uma língua que eu não entendia, e tateou, num canto, em meio a um monte de instrumentos estranhos e mapas de navegação deteriorados. Suas maneiras eram uma mistura bizarra de rabugice senil com a solene dignidade de um deus. Por fim ele subiu ao convés, e não o vi mais.

* * *

Um sentimento, para o qual não tenho nome, tomou posse de minha alma – uma sensação que não admite análise, para a qual as lições do passado são inadequadas e para a qual, eu temo, nem mesmo a futuridade trará a chave. Para uma mente constituída como a minha, esta última consideração é uma desgraça. Nunca estarei – sei que nunca estarei – satisfeito no que concerne à natureza de minhas concepções. E, contudo, não é de estranhar que essas concepções sejam indefinidas, visto que se originam de fontes tão completamente inéditas. Um novo sentimento – uma nova entidade foi adicionada a minha alma.

* * *

Faz muito tempo que andei pela primeira vez pelo convés deste terrível navio, e os raios do meu destino estão, creio, convergindo para um foco. Homens incompreensíveis! Afogados em meditações de um tipo que não consigo

compreender, eles passam por mim e não notam minha presença. Esconder-me é puro desatino de minha parte, pois estas pessoas *não querem* ver. Foi agora mesmo que passei bem diante dos olhos do imediato; não foi muito tempo atrás que me aventurei a entrar na cabine privada do capitão e de lá tirei os materiais com que escrevo e venho escrevendo. De tempos em tempos darei continuidade a este diário. É verdade que eu posso não vir a ter oportunidade de transmiti-lo ao mundo, mas não abrirei mão de tentar. No último momento, acondicionarei o manuscrito numa garrafa, e lançarei a garrafa ao mar.

* * *

Ocorreu um incidente que me forneceu novos pontos para meditação. Será tudo isto a operação de um acaso desgovernado? Eu me aventurei pelo convés e me deitara, sem despertar nenhuma atenção, entre um monte de enfrechates e velame velho, no fundo do escaler. Cismando na singularidade do meu destino, pincelei distraidamente, com uma brocha de alcatrão, as extremidades de uma vela leve, dobrada com cuidado, que vi perto de mim, sobre uma barrica. Essa vela está agora içada no navio, e as pinceladas impensadas formam a palavra **DESCOBERTA**.

Observei muito, nos últimos tempos, a estrutura do navio. Embora bem armado, ele não é, creio, um navio de guerra. O cordame, a construção, os equipamentos em geral, tudo refuta uma suposição desse tipo. O que ele *não é*, posso perceber com facilidade; o que ele *é*, temo que seja impossível dizer. Não sei como pode ser, mas, quando analiso seu estranho modelo e sua singular mastreação, seu vasto tamanho e seu enorme conjunto de velas, sua proa bastante simples e sua popa antiquada, dispara ocasionalmente pelo meu cérebro uma sensação de familiaridade, e, a essas indistintas sombras de recordação, mistura-se sempre uma memória inexplicável de velhas crônicas estrangeiras e de eras muito remotas.

* * *

Tenho reparado no madeirame desta nau. Ela é feita de um material que me é estranho. Há uma característica peculiar na madeira que me surpreende por parecer torná-la imprópria para o propósito ao qual foi aplicada. Refiro-me a sua extrema *porosidade*, considerada independentemente de sua condição de poder ser devorada por vermes, o que é uma consequência da navegação por estes mares, e à parte da podridão que chega com o tempo. Parecerá, talvez, uma observação algo extravagante, mas essa madeira teria todas as características do carvalho espanhol, se o carvalho espanhol pudesse se dilatar por meios artificiais.

Lendo a sentença acima, um curioso aforismo de um navegador holandês, um velho calejado pelas intempéries, vem na hora à minha cabeça: “É tão certo”, ele tinha o costume de dizer, quando alguma dúvida era levantada acerca da veracidade de sua história, “como é certo que há um mar onde o próprio navio aumenta de volume, como o corpo vivo do marinheiro”.

* * *

Cerca de uma hora atrás, tive a audácia de me introduzir num grupo de tripulantes. Eles não me deram atenção e, embora eu me parasse exatamente no meio de todos eles, simplesmente não tomaram conhecimento da minha presença, ao que pareceu. Como aquele que eu vira no porão, todos carregam com eles as marcas de uma velhice encanecida. Seus joelhos tremiam por enfermidade; seus ombros se curvavam por decrepitude; suas peles enrugadas estalavam no vento; suas vozes eram baixas, trêmulas e entrecortadas; seus olhos reluziam com a reuma dos anos; e seus cabelos grisalhos ondeavam de uma forma horrível na tempestade. Em volta deles, em todos os cantos do convés, espalhavam-se instrumentos matemáticos de configuração esquisita e obsoleta.

* * *

Mencionei, algum tempo atrás, o envergamento de uma vela leve. De lá para cá, o navio, arrastado a toda pelo vento, continuou seu aterrorizante avanço para o sul, com todas as velas esfarrapadas sendo utilizadas, todo o pano largado nos mastros principais e nos botalós baixos e, a todo momento, balançando as vergas do mastaréu no inferno de água mais apavorante que a mente de um homem já pôde conceber. Acabei de sair do convés, onde me parece ser impossível ficar de pé, embora a tripulação não esteja passando por maiores inconvenientes. É para mim o milagre dos milagres que o nosso enorme casco não seja engolido de uma só vez e para sempre. Estamos condenados a pairar continuamente à beira da eternidade, sem nunca efetuar o mergulho final no abismo. Por vagalhões mil vezes mais estupendos do que qualquer um que eu já tenha visto, planamos com a agilidade certa de uma gaivota; e as águas colossais elevam suas cabeças sobre nós como demônios das profundezas, mas como demônios que se limitam a ameaçar e estão proibidos de destruir. Inclino-me a atribuir nossas salvas frequentes à única causa natural que pode dar conta de tal efeito. Suponho que o navio avança sob a influência de alguma forte corrente, ou de alguma impetuosa ressaca.

* * *

Estive com o capitão frente a frente e em sua própria cabine – mas, como eu já esperava, ele não me deu atenção. Embora em sua aparência não haja, para um observador casual, nada que possa indicar que ele seja mais ou menos humano, um sentimento de irreprimível reverência e temor se misturava à sensação de espanto com que eu o encarava. Sua altura é quase idêntica à minha: ele tem cerca de um metro e setenta. Sua compleição física é compacta e bem-formada, nem robusta nem muito franzina. Mas é a singularidade da expressão que reina em seu rosto, é a intensa, a maravilhosa e a vibrante evidência de velhice, tão funda, tão extremada,

o que excita em meu espírito uma sensação – um sentimento inefável. Sua fronte, apesar de pouco enrugada, parece trazer consigo a estampa de uma miríade de anos. Seus cabelos grisalhos são registros do passado, e seus olhos, ainda mais cinzentos, são as sibilas do futuro. O chão da cabine estava abarrotado de in-fólios estranhos com fechos de ferro, de instrumentos científicos deteriorados e de mapas obsoletos e há muito esquecidos. O capitão tinha a cabeça apoiada nas mãos e estudava atentamente, com um olhar vibrante e inquieto, um papel que julguei ser uma procuração e que, em todo caso, trazia a assinatura de um monarca. Ele murmurava consigo, em voz baixa – como fazia aquele marinheiro que vi no porão –, algumas sílabas rabugentas de uma língua estrangeira; e embora ele estivesse bem ao meu lado, sua voz parecia a de um homem que está a um quilômetro de distância.

* * *

O navio e tudo nele estão imbuídos com o espírito da Antiguidade. Os marinheiros deslizam para lá e para cá como fantasmas de séculos enterrados; seus olhos têm uma expressão ansiosa e apreensiva; e quando seus vultos cruzam o meu caminho, na claridade agreste das lanternas de batalha, sinto o que nunca senti antes, embora eu tenha sido um negociante de antiguidades durante toda a vida e tenha me embebido nas sombras das colunas caídas em Balbec, em Tadmor e em Persépolis, até que minha própria alma se transformasse em ruína.

* * *

Quando olho ao redor, sinto vergonha de minhas apreensões iniciais. Se tremi diante da tempestade que nos acompanhou até aqui, não devo ficar horrorizado diante da guerra entre vento e oceano, cuja ideia as palavras tornado e simum são triviais demais para transmitir? Tudo que há nas proximidades imediatas do navio é a escuridão da noite

eterna e um caos de água sem espuma; a mais ou menos uma légua para cada lado do navio, porém, podem ser vistos, de maneira indistinta e a intervalos, estupendos baluartes de gelo, que se erguem a perder de vista no céu desolado, como se fossem as muralhas do universo.

* * *

Como imaginei, comprova-se que o navio segue uma corrente – se é que se pode nomear apropriadamente assim um fluxo que, uivando e gritando pelo gelo branco, treveja para o sul com a velocidade impetuosa e enérgica de uma catarata.

* * *

Conceber o horror de minhas sensações é, presumo, completamente impossível; e, no entanto, uma curiosidade de penetrar os mistérios desses lugares horrendos prevalece até mesmo sobre o meu desespero, e me reconcilia com o teor medonho da morte. É verdade que estamos voando na direção de alguma revelação emocionante – de algum segredo que não poderá ser revelado jamais, cuja descoberta nos destruirá. Talvez essa corrente nos leve ao próprio Polo Sul. É preciso confessar que uma suposição como essa, em princípio tão bárbara, tem todas as probabilidades a seu favor.

* * *

A tripulação percorre o convés com passos trêmulos e inquietos; mas há em seus semblantes uma expressão que é mais a avidez da esperança do que a apatia do desespero.

Enquanto isso, o vento ainda sopra em nossa popa e, como temos todo o pano do mundo nos mastros, o navio às vezes flutua sem tocar as águas! Ah, horror dos horrores! O gelo de repente se abre à direita e à esquerda, e estamos rodopiando vertiginosamente em imensos círculos concêntricos, girando em torno de um gigantesco anfiteatro, cujas paredes são tão altas que se perdem na escuridão e na distância. Mas

pouco tempo me restará para ponderar sobre o meu destino! Os círculos se fecham cada vez mais, estamos mergulhando loucamente nas garras do redemoinho – e em meio a um rugir e urrar e trovejar de oceano e de tempestade, o navio está estremeçando e – meu Deus! – afundando!

Nota: O “Manuscrito encontrado numa garrafa” foi publicado originalmente em 1831; e foi só muitos anos depois que tomei conhecimento dos mapas de Mercator, nos quais o oceano é representado precipitando-se, por quatro bocas, para dentro do (setentrional) Golfo Polar, para ser absorvido pelas entranhas da Terra; o próprio Polo é representado por uma rocha negra que se eleva a uma altura prodigiosa.